

Jovens vão ter de estudar mais para garantir emprego após a crise

Chances no mercado de trabalho devem se tornar mais raras, e especialistas indicam novas formas de estudo para disputar vagas com os profissionais que já têm experiência. >18 e 19

VIDA APÓS A PANDEMIA

Jovens vão ter de estudar mais para garantir emprego

Chances no mercado de trabalho tendem a se tornar mais escassas e será preciso disputar as vagas com profissionais que já têm experiência

Verônica Aguiar

O mercado de trabalho já estava complicado antes do início da disseminação do novo coronavírus. Com a pandemia, veio o início de uma crise econômica que piorou as coisas e, mesmo após o fim da doença, a tendência é que conseguir uma vaga se torne ainda mais difícil.

Por isso, especialistas aconselham os

jovens a estudar ainda mais para conquistar uma colocação profissional, já que, com chances escassas, será preciso disputar com profissionais experientes.

O diretor da FGV Espaço Social, Marcelo Neri, defendeu que os jovens busquem o ensino a distância nesta época de isolamento social: “É preciso insistir no principal passaporte, que é a educação, ligada à inserção profissional”, frisou.

Para a diretora de relacionamento com o associado da Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH-ES), Kamilla Matos, a crise mudou de forma radical a forma como o trabalho funciona.

“Essa mudança impacta diretamente

na carreira dos jovens. Faculdade e pós-graduação

passam a ser o básico. A partir daí é preciso ter outros aprendizados. Vai ficar mais difícil para quem não investir nas habilidades comportamentais. O mercado se transformou e a gente precisa se adaptar”, observou.

Para desenvolver essas habilidades, a especialista em gestão de pessoas Roberta Kato, frisou que é preciso estudar: “Trata-se do princípio da heutagogia, onde eu assumo o papel de autodidata e busco compreender as competências que me faltam e desenvolvê-las.”

Ela lembrou que o aprendizado pode se dar a partir do uso de diversas ferramentas, como livros, vídeos e podcasts.

No pós-pandemia, empresas vão fechar, haverá mais demissões e redução de salário, segundo Marcel Balassiano, pesquisador da área de Economia Aplicada do

FGV IBRE. “Para ter novos entrantes no mercado vai ser mais difícil. Com certeza os jovens vão ter uma dificuldade maior nesse momento de retomada”, afirmou.

Ele destacou que a década de 2011 a 2020 foi estagnada em termos econômicos. “Tivemos a recessão em 2014, 2015 e 2016 e recuperação lenta até 2019.”

Em função disso já poderíamos considerar a pior década da história em crescimento econômico. E somou-se a isso a pandemia do novo coronavírus”, disse Marcel.

FOCO

Preparação

A estudante de Biomedicina Ana Cecilia Santo Silva, de 18 anos, não está trabalhando no momento, devido à pandemia. Ela contou que, por enquanto, está conseguindo estudar em uma faculdade particular.

Nesse período, ela tem aproveitado para se dedicar ainda mais aos estudos, além das aulas on-line da faculdade. Tem usado a internet para fazer outros cursos que acha importante para sua área de atuação.

Entre eles, citou o curso sobre a Covid-19 que o Albert Einstein disponibilizou. “Sinto que o mercado exige essa busca constante por aprendizado”.

“Tenho me dedicado aos estudos pela internet. O mercado exige essa busca por aprendizado”

Ana Cecília Santo Silva, 18, estudante de Biomedicina



SAIBA MAIS

A década mais perdida

- > A DÉCADA 2011-2020, é considerada a mais perdida de todas de acordo com o levantamento do pesquisador da área de Economia Aplicada do FGV IBRE, Marcel Balassiano.
- > SOMENTE EM duas oportunidades, o

PIB do Brasil recuou por dois anos consecutivos. Em 1930 e 1931 (-2,1% e -3,3%, respectivamente), e em 2015 e 2016 (-3,5% e -3,3%). Sendo que a média do biênio de 2015/2016 foi pior do que de 1930/1931 (-3,4% e -2,7%, respectivamente, de queda

por ano.

- > CONSIDERANDO as projeções de 2020 do IBRE (-3,4%), essa década (2011 a 2020) teria um crescimento médio real de 0,3% por ano. Mas, dependendo de quais projeções considerar, esse crescimento médio chega a 0,1%, por ano.
- > COM O CENÁRIO pré-coronavírus (projeção de 2,3% para 2020, do co-



AULAS ONLINE

Dupla jornada

Barbara Holz Evangelista, de 22 anos, é estudante de Engenharia Química na UCL e está tendo aulas online. Durante o dia, mesmo com a pandemia, ela está empregada e atua no laboratório de análise de resíduos da Marca Ambiental.

“Me sinto privilegiada de fazer faculdade e trabalhar na área. O mercado já estava difícil, e com a pandemia, as coisas ficaram ainda mais complicadas. A maioria das empresas não estão contratando e isso deve perdurar por um bom tempo ainda”, lembrou a universitária.

meço do ano), a década teria um crescimento médio de 0,8%, mesmo assim, a metade da taxa de crescimento da década de 1980 (1,6%).

Antes da pandemia

- > ANTES DA CRISE do coronavírus, o Brasil já tinha quase 70 milhões de pessoas numa situação mais vulnerável do mercado de trabalho:
- > ERAM 12,6 MILHÕES de desempregados; 4,8 milhões de desalentados; 3,3 milhões realizaram busca por trabalho, mas não se encontravam disponíveis para trabalhar, por diversos motivos; 7 milhões subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas - trabalham, porém menos de 40 horas semanais, e gostariam de trabalhar mais; e 40,7 milhões de informais. Com a chegada da pandemia, a situação ficou ainda pior.

Jovens

- > NESTE CENÁRIO, os especialistas apontam que os jovens vão ter uma dificuldade maior na retomada da economia. Principalmente aqueles que ainda vão ingressar no mercado de trabalho.
- > POR ISSO alertam que a educação é

caminho para que consigam se destacar e conseguir alcançar uma das tão disputadas vagas de emprego. Mas esse estudo não se refere somente a graduação e pós, como também o desenvolvimento de habilidades comportamentais, além do domínio das ferramentas tecnológicas.

Preparação

- > A INTERNET oferece um mundo de possibilidades, com cursos gratuitos, oportunidades de aprender de diversas formas. Por isso é importante aprender a se policiar para usar o tempo de navegação de forma produtiva.
- > CADA VEZ MAIS o ser humano precisa autogerenciar seu aprendizado e a pandemia vem dando essa oportunidade a algumas pessoas.
- > NESTE SENTIDO, um dica importante é avaliar o perfil de cinco grandes personalidade que se destacam na área em que o jovem quer atuar. A partir daí, ver o que eles têm em comum e fazer uma autoanálise. Quais habilidades preciso desenvolver para chegar lá?

Fonte: FGV, ABRH e Roberta Kato.

OPINIÕES



“Essa crise que estamos vivendo mudou de forma radical a forma como o trabalho funciona”

Kamilla Matos, diretora de relacionamento com o associado da ABRH



“Se os jovens se abrirem para desenvolver adaptabilidade e inteligência emocional, estarão na frente”

Renato William, empresário

VIDA APÓS A PANDEMIA

“Crise evidencia as desigualdades”

Jovens nas salas de aulas, pessoas no mercado de trabalho e desempregados em busca de colocação profissional. De uma forma ou de outra, a pandemia do novo coronavírus trouxe consequências e mudou a rotina dos diversos perfis de brasileiros. De acordo com especialistas, a recessão vai evidenciar desigualdades.

É um dos grupos mais vulnerável é o de jovens. “A pandemia chega ao jovem, que já está debilitado, devido à recessão econômica de 2014, 2015 e 2016 e a recuperação lenta até 2019”, afirmou o diretor da FGV Espaço Social, Marcelo Neri.

Os jovens com escolaridade menor já tinham dificuldade de entrar no mercado de trabalho. “Com a recessão, esses problemas se agravam. A crise vai deixar em evidência as desigualdades que o Brasil já tinha”, destacou o pesquisador da área de Economia Aplicada do FGV IBRE Marcel Balassiano.

Isso porque nem todos conseguem dar sequência aos estudos durante a pandemia, seja por falta de estrutura, como computador, internet ou por outros motivos diversos. Em contrapartida, quem tem boas condições financeiras, consegue de maneira mais fácil o acesso ao conhecimento.

A estudante Nayara Rocha Nascimento, de 18 anos, estuda no terceiro ano do ensino médio de uma escola pública e também é menor aprendiz. “Faço atividades da escola em casa e envio por e-mail.

Mas prefiro o ensino presencial. Em casa é mais difícil manter a concentração”, ponderou.

Atualmente, cerca de 240 mil alunos estudam na rede pública estadual no Espírito Santo. No momento, a Secretaria de Estado da Educação (Sedu) ainda não tem o número de estudantes que estão conseguindo ter aula, e dos que ficaram fora desse processo.

A rede estadual conta com o Programa EscoLAR, que consiste na transmissão dos conteúdos, por meio da TV aberta e na utilização da plataforma Google Sala de Aula, pelo aplicativo EscoLAR.

“O intuito é manter o contato do aluno com o professor e o acesso do aluno ao que é previsto, em termos de conteúdo. Não está sendo contado como dia letivo”, esclareceu a pasta por meio de nota.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) já admite a possibilidade de adiar o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Enquanto isso, os candidatos que conseguem, se preparam.

“Com a recessão, esses problemas se agravam. A crise vai deixar em evidência as desigualdades que o Brasil já tinha **”**

Marcel Balassiano, pesquisador



MARCEL BALASSIANO afirmou que problemas se agravam com a recessão provocada pelo novo coronavírus

Clientes vão aparecer no pós-crise?

A sociedade está contando os dias para a pandemia acabar, mas não se sabe como vai ser o pós-pandemia. Segundo o economista e doutor em ciências contábeis Felipe Storch, ainda não se sabe até que ponto a recessão pode chegar.

“É um momento de muita incerteza. Existe uma expectativa de abrir os negócios rapidamente. Mas existe o risco de os clientes não aparecerem”, destacou.

Ele acrescentou que se as pessoas se sentirem confortáveis em sair de casa no pós-pandemia, a recuperação pode ser mais rápida.

“Principalmente se forem aprovadas algumas reformas econômi-



STORCH: momento de incertezas

cas este ano”, ressaltou.

Nos centros comerciais que voltaram a funcionar em alguns estados brasileiros, após o início da pandemia do novo coronavírus, os consumidores não apareceram.

As vendas médias chegaram a ficar 80% menores em alguns locais. Além disso, somaram-se insegurança jurídica e o alto custo.

Para o empresário Renato William, o futuro é de incertezas e o jovem precisar estar pronto para se adaptar. “Se eles se abrirem para desenvolver adaptabilidade e inteligência emocional, estarão na frente”, afirmou o empresário.

Novas habilidades vão ser exigidas

O aprendizado durante a crise tende a criar mudanças permanentes na sociedade. É o que os especialistas chamam de novo normal.

“O jovem tem que desenhar uma estratégia de aprendizagem que o permita se adequar a este novo cenário e se preparar para ele. Não adianta insistir no velho”, destacou a diretora de relacionamento com o associado da Associação

Brasileira de Recursos Humanos (ABRH), Kamilla Matos.

Segundo ela, se por um lado existe essa questão de familiaridade com a tecnologia, também há a questão comportamental que ainda não está desenvolvida e ele vai precisar investir mais.

Entre habilidades necessárias, citou: inteligência emocional, capacidade de lidar com desafios, de es-

cutar e de entender as mudanças; além de disciplina e autogestão. “Vai ficar mais difícil para quem não investir nessas habilidades. O mercado se transforma e a gente precisa se adaptar”.



DIVULGAÇÃO

AUTOGESTÃO: desenvolvimento

ANÁLISE

“Adaptar-se e ter humildade são atitudes fundamentais”

Atilio Peixoto Soares Junior,
diretor de Interiorização
da ABRH-ES



“Neste momento de tantas mudanças, várias faculdades e escolas estão abrindo suas plataformas de cursos virtuais. Os jovens podem aproveitar cursos gratuitos para ficarem mais qualificados.

Há opções disponíveis, desde cursos técnicos até habilidades comportamentais. Vale então citar as habilidades apontadas em estudos sobre esse novo modelo que a gente vive, esse ‘novo normal’.

A primeira é a criatividade: ser criativo é se adaptar, propor solu-

ções inteligentes, diferentes e que agreguem valor. Outra habilidade importante é a inteligência emocional, que envolve entender e se relacionar com as outras pessoas.

E aí vale ter empatia: se colocar no lugar do outro e pensar a partir da perspectiva dos demais, sejam eles clientes, comunidade ou outro público. Se adaptar e ter humildade também são fundamentais: às vezes é preciso recomeçar, mostrar o seu valor e crescer novamente”.

SAIBA MAIS

Negociação pode ser a estratégia

- > **AO MESMO** tempo em que o mercado vai passar a exigir mais do profissional, principalmente dos jovens, devido ao número de desempregados, ele também vai pagar menos.
- > **POR ISSO,** também é importante ter paciência na hora de negociar salário. Aceitar um salário abaixo do esperado para a qualificação, com uma

previsão de revisão a curto prazo pode ser uma boa estratégia.

- > **ASSIM,** a medida que a empresa for se recuperando, o salário do profissional pode ser melhorado. D mesma forma, a empresa terá tempo para ver o desempenho.

Fonte: Especialistas consultados